

Discurso de Posse do Diretor do Inpe, Gilberto Câmara

09/12/2005

Minhas senhoras e meus senhores:

Permitam-me uma breve memória pessoal. Em 20 de julho de 1969, um garoto de 13 anos assistiu à transmissão ao vivo da chegada do homem à Lua. O espaço surgia como desafio para aquele jovem. Uma cena do filme “2001: Uma odisséia no espaço” completou sua conversão. Quando o chefe dos macacos joga seu osso para os céus e este se transforma numa nave espacial, a imagem do poder transformador do conhecimento colou-se na mente do garoto para sempre. E instintivamente, ele compreendeu o que diz Eric Hobsbawn: “O maior desafio da História é explicar como em cinco mil anos, o homem saiu das cavernas e chegou ao espaço”.

Mal sabia ele que outros brasileiros também sonhavam o mesmo sonho. E eram tão ousados que, anos antes, em 03 de agosto de 1961, haviam criado um instituto cuja missão era a de construir um Brasil espacial.

Para o difícil começo, o primeiro diretor do INPE, Fernando de Mendonça, escolheu a rota mais sólida. Dotou o INPE de uma equipe de cientistas e engenheiros de alto nível, com forte componente de Ciência Espacial, cujo compromisso com a qualidade e a excelência continua a ser a marca do INPE até hoje. Um marco foi a criação dos cursos de pós-graduação do INPE, até hoje dos esteios de nossa excelência.

Esta base permitiu que, em 1989, o governo pudesse criar a Missão Espacial Completa Brasileira (MECB), na gestão de Nelson de Jesus Parada. De operadores de tecnologia estrangeiros passaríamos a ser construtores de veículos espaciais. Também foi estabelecido na época o programa de desenvolvimento de tecnologia nacional de processamento de imagens e geoinformação.

A partir de 1985, na gestão de Marco Antônio Raupp, o INPE deu três passos ousados: estabeleceu o programa sino-brasileiro de satélites de recursos terrestres (CBERS), criou o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC) e inaugurou o LIT (Laboratório de Integração e Testes). As bases do INPE do século 21 estavam lançadas.

Na gestão de Marcio Barbosa, tivemos uma consolidação dos desafios anteriores: lançamos os dois primeiros satélites da MECB (SCD-1 e SCD-2) e o primeiro CBERS. Inauguramos o CPTEC, trazendo a previsão numérica do tempo para o País. Iniciamos ainda a atividade sistemática de monitoramento ambiental da Amazônia, com o cálculo anual das taxas de desmatamento.

Na gestão de meus antecessores, Luiz Carlos Miranda e Leonel Perondi, foram estabelecidas as bases de uma nova relação entre o INPE e a sociedade brasileira. O lançamento do CBERS-2 e a disponibilidade gratuita de seus dados resultaram em mais de 150.000 imagens distribuídas. O novo supercomputador do CPTEC permitiu a melhoria de nossas previsões, com a inserção do INPE no cotidiano dos brasileiros, através das previsões nos telejornais. O DETER (Sistema de detecção de desmatamento em tempo real) tornou-se um instrumento chave no programa governamental de combate ao desmatamento. A nova política industrial promoveu uma relação equilibrada entre o INPE e a indústria aeroespacial.

Hoje, assumo a direção do INPE, ainda tão sonhador quanto antigamente, mas consciente de seu duplo dever de ser guardião das virtudes do passado e de ser portador do futuro. Ouso dizer que existe uma base comum de convicções aos que fazem o INPE. E quais são nossas crenças?

- Acreditamos que vivemos numa economia do conhecimento, onde a principal diferença é entre o saber e o não-saber.
- Acreditamos que a Ciência e a Tecnologia determinam hoje o limite da prosperidade futura das nações.
- Acreditamos que o Brasil pode e deve ter um programa espacial na medida da sua grandeza.
- Acreditamos que o programa espacial é fonte de prosperidade, quando cria empregos de alta competência no Brasil e gera produtos de importância para a sociedade.
- Acreditamos que a Ciência pode ser ensinada, mas a tecnologia só pode ser aprendida. E para aprender tecnologia, precisamos de uma indústria capacitada e destemida.
- Acreditamos que a qualidade de nosso trabalho é o único valor que permanece no longo prazo.
- Acreditamos que uma instituição de excelência só pode existir com equipes qualificadas e devidamente remuneradas.

Com base nestas crenças, o que nos reserva o futuro?

Nas áreas de Previsão de Tempo, o grande desafio é que o INPE torne-se um centro de excelência em Ciência do Sistema Terrestre, para entender as rápidas mudanças que afetam nosso planeta e o Brasil. Esta nova ciência combina o conhecimento dos sistemas físicos com o entendimento das motivações das ações humanas. Faremos um grande esforço para integrar o CPTEC no sistema nacional de Meteorologia, com um papel destacado e completar ao INMET.

Na Engenharia Espacial, temos três grandes desafios. O primeiro é manter o programa CBERS dentro dos cronogramas acordados com a China, para que não haja interrupção no fornecimento de imagens que o Brasil tanto precisa. O segundo desafio é completar o ciclo de desenvolvimento tecnológico dos satélites brasileiros. Precisamos dominar as partes cruciais de sistemas inerciais e imageadores de alta capacidade. Para tanto, o programa da plataforma multimissão (PMM) deve completar seu ciclo de projeto e desenvolvimento em 2008. O terceiro desafio é ter uma decisiva participação no projeto do Satélite Geoestacionário Brasileiro (SGB), onde esperamos maximizar a participação da indústria brasileira e usar o poder de compra do Estado para apropriar tecnologias sensíveis.

Em Sensoriamento Remoto e Geoinformação, precisamos ir além do monitoramento do desmatamento passado. Temos de indicar os cenários futuros de evolução das mudanças do uso da terra no Brasil. Para isto, o INPE irá ampliar sua contribuição para a rede da Rede de Modelagem Ambiental da Amazônia (GEOMA), feliz iniciativa do MCT para ampliar nossa capacidade de entender o ambiente amazônico.

Na Ciência Espacial, o projeto e lançamento dos satélites EQUARS (monitoramento da atmosfera equatorial) e MIRAX (medida de emissões de raios-X no universo) irão ampliar nossa competência científica e integrar nossos cientistas de Geofísica Espacial e Astrofísica ao programa de satélites brasileiros.

Todas estas novas atividades se somam à continuidade dos programas que o INPE já executa. Além de pesquisa e pós-graduação, temos os serviços operacionais de previsão de tempo, geração de imagens, controle de satélites e integração e testes. A manutenção desses serviços é essencial para assegurar à sociedade o retorno dos investimentos que o País faz no programa espacial. Para que estas tarefas sejam bem executadas, é importante que estejam numa instituição com credibilidade, respeito, equipes e orçamento adequados.

Mas nossa maior contribuição do INPE é intangível. Trata-se de mostrar ao Brasil e ao mundo que é possível criar e manter uma instituição pública de excelência em nosso País. Num país tão carente e desigual, o INPE é um dos símbolos do que podemos alcançar quando a utopia coletiva triunfa sobre o imediatismo.

Nossos planos contam com o integral apoio do governo do presidente Lula, do ministro Sergio Rezende, e do presidente da AEB, Sergio Gaudenzi, e do secretário Avílio Franco. Como diz o presidente da AEB, "*o programa espacial é uma missão de longo prazo do Estado brasileiro.*" Estamos de pleno acordo. Temos a consciência de estar construindo algo que será importante para os nossos netos.

Devo dizer que em minha trajetória tenho tido *muito mais sorte que juízo*. Nestes 25 anos de INPE, sou afortunado por ter trabalhado com colegas como Antonio Miguel, Ricardo Cartaxo e toda a equipe da Divisão de Processamento de Imagens, e João Vianeij, Dalton Valeriano, Jose Epiphanyo, Evlyn Novo e toda a equipe da Divisão de Sensoriamento Remoto. Minha fortuna também é ter um trio de mulheres sem par como suporte: minha mãe, Rita, minha esposa Vera Lúcia e minha filha Anita.

Em nome dos pioneiros que fundaram o INPE, dos criaram um centro de excelência internacional em Ciência Espacial, dos que construíram uma estação na então remota Cuiabá, dos que enfrentaram as intempéries para conhecer melhor o Brasil, dos que tiraram do chão um moderno centro de previsão do tempo, dos que viraram noites no LIT para concluir ensaios de satélite, dos que enfrentaram a epidemia da SARS em Beijing para não atrasar o CBERS, em nome de todos estes e muitos mais, nos é dada a esperança de melhorar ainda mais o INPE.

Devemos ir sempre à frente, carregando a tradição, inspirados no poeta T.S. Eliot: *“O tempo presente e o tempo passado estão ambos talvez contidos no tempo futuro, e o tempo futuro contido no tempo passado.”* Assim, tenho agradecimentos especiais hoje vão para meus antecessores na direção e meus colegas de INPE, a quem tanto devemos. Não tenho outra escolha do que seguir o mote de Saint-Exupéry, “Nossa tarefa não é antever o futuro, mas sim construí-lo”. E também o saber do cangaceiro Corisco, que dizia “o futuro fica em cima do futuro, e não embaixo do passado”.

Que o futuro seja de todos nós!